

Volker Noll
Wolf Dietrich
(Organizadores)

O português e o tupi no Brasil

Conselho Editorial
Ataliba Teixeira de Castilho
Felipe Pena
Jorge Grespan
José Luiz Fiorin
Magda Soares
Pedro Paulo Funari
Rosângela Doin de Almeida



Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

A Editora não é responsável pelo conteúdo da Obra,
com o qual não necessariamente concorda. Os Organizadores e os Autores conhecem os fatos
narrados, pelos quais são responsáveis, assim como se responsabilizam pelos juízos emitidos.



editoracontexto

Consulte nosso catálogo completo e últimos lançamentos em www.editoracontexto.com.br

Copyright © 2010 Os Organizadores

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Montagem de capa e diagramação

Gustavo S. Vilas Boas

Preparação de textos

Daniela Marini Iwamoto

Revisão

Flávia Portellada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Português e o tupi no Brasil /
Volker Noll, Wolf Dietrich, (organizadores) . --
São Paulo : Contexto, 2010.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7244-472-9

1. Línguas 2. Português - Brasil 3. Português -
Brasil - História 4. Tupi I. Noll, Volker. II. Dietrich, Wolf.

10-10403

CDD-469.798

Índice para catálogo sistemático:

1. Português brasileiro : História : Linguística 469.798

2010

EDITORA CONTEXTO

Diretor editorial: *Jaine Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa
05083-030 – São Paulo – SP

PARX: (11) 3832 5838

contexto@editoracontexto.com.br

www.editoracontexto.com.br

Sumário

PREFÁCIO	
O TRONCO TUPI E AS SUAS FAMÍLIAS DE LÍNGUAS. CLASSIFICAÇÃO E ESBOÇO TIPOLOGICO	<i>Wolf Dietrich</i>
TUPI, TUPINAMBÁ, LÍNGUAS GERAIS E PORTUGUÊS DO BRASIL. <i>Aryon Dall'igna Rodrigues</i>	
ANCHIETA 1595 E FIGUEIRA 1621. REPRESENTAÇÕES DA GRAMÁTICA DO TUPINAMBÁ	<i>Roland Schmidt-Riese</i>
OS PRIMEIROS EMPRÉSTIMOS TUPIS NO PORTUGUÊS DO BRASIL	<i>Volker Noll</i>
O PAPEL DO TUPI NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	<i>Wolf Dietrich e Volker Noll</i>
O BRASIL COLÔNIA ENTRE A LÍNGUA GERAL E O PORTUGUÊS	<i>Volker Noll</i>
VARIIDADE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA TRILHA DAS BANDEIRAS PAULISTAS <i>Sílvio de Almeida Toledo Neto e Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida</i>	
O USO DO TUPI NA CAPITANIA DE SÃO PAULO NO SÉCULO XVII	<i>Cândida Barros</i>
A LÍNGUA GUARANI E O PORTUGUÊS NO BRASIL	<i>Valéria Faria Cardoso</i>
OS BRASIGUAIOS NO BRASIL. ASPECTOS FONÉTICOS, GRAMATICAIS E LÉXICAIS	<i>Wolf Dietrich</i>

AS RELAÇÕES HISTÓRICAS ENTRE O PORTUGUÊS

E O NHEENGATU NOS UNIVERSOS URBANO E RURAL DA AMAZÔNIA 183

José Ribamar Bessa Freire

O NHEENGATU ATUAL FALADO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA 211

Martina Schrader-Kniffki

OS ORGANIZADORES 231

OS AUTORES 233

Prefácio

O Brasil é um país de muitas cores. A formação do seu povo e d
língua, variante da portuguesa, no solo americano, está estreitamente lig
população autóctone, sobreindo nos primeiros séculos da colonização. Por
o português brasileiro, comparado com a variedade europeia, caracteriza-s
só pelos seus arcaísmos lexicais e a fonética, mas também pela tradição
que se manifesta em inúmeros nomes de lugares como *Itapetininga, Itambé*
Taubaté, Ubatuba, Curitiba, de praias, serras e rios como, por exemplo, *de*
Pituaçu, praia de Jogueiribe, serra da Ibiapaba, rio Paraná, Paranapan
Parnaíba, Itapicuru-Açu. Também, uma parte considerável do vocabulário
da fauna, da flora e das cozinhas regionais brasileiras tem a sua origem
língua que tradicionalmente se chama “tupi”. Basta mencionar termos
abacaxi, maracujá, açaí, capim, cipó, mandioca, surubim, pirarucu, piratutu,
jacaré, urubu, e muitíssimos outros. Na fraseologia popular, encontramos expressões como *ser pacova, jiboia* e *acaipirar-se*, que são típicas
português do Brasil e não se compreendem em Portugal. Em contraste com
tradição tupi na história do português brasileiro, as outras línguas indígenas
umas 170 que estão ainda vivas em território brasileiro, não exerceram
ninguma influência notável.

O presente livro dá uma introdução a aspectos essenciais da história
português brasileiro nos primeiros séculos da Colônia, uma história mais
precisamente pelo contato com o tupinambá, a língua dos primeiros habitantes
da costa do Brasil. Os autores do livro contribuem para esclarecer o contexto
nem sempre claro do “tupi”, explicam as relações genéticas do tupinambá
dentro da família tupi-guarani e descrevem pontos importantes da história
desta língua. Em especial, informam sobre a história dos contatos do português
com “a língua mais usada na costa do Brasil” no século XVI, a formação
língua brasileira e das línguas gerais no século XVII. Constitui igualmente

do livro a temática das primeiras gramáticas do tupinambá e dos primeiros empréstimos tupis no português do Brasil, como também o uso das línguas mais importantes do Brasil colonial, a saber, o português e a língua geral. Ambas as línguas eram faladas pelos bandeirantes de São Paulo. Contudo, a filiação tupi, onipresente no vocabulário e na onomástica brasileiros, não é só uma tradição de línguas mortas, mas reflete-se também nas línguas vivas. Por conseguinte, descreve-se a situação do nheengatu, a forma moderna da língua geral amazônica dos séculos XVII a XIX, e aquela do guarani, língua estreitamente aparentada com o tupinambá, que se usava na missão jesuítica das famosas Reduções do Paraguai. Na sua forma moderna, ela é falada hoje no Paraguai, assim como em partes da Argentina e do Brasil. O livro contém também informações atuais sobre o guarani, introduzido em Mato Grosso do Sul através de emigrantes paraguaios e dos seus descendentes. Apresenta-se, finalmente, a situação sociolinguística dos indígenas que falam uma variedade do guarani no Centro-Oeste, Sul e Sudeste do Brasil. Com isso, o livro oferece um panorama vasto que abrange a história dos contatos linguísticos, dos usos históricos e os resultados daí decorrentes que se espelham no português brasileiro atual e nas línguas indígenas vivas, aparentadas com o tupinambá. Essa língua acompanhou a evolução do português brasileiro desde a descoberta até o fim da época colonial. Com o panorama apresentado, espera-se facilitar a melhor compreensão do papel – não sempre fácil de avaliar – do elemento “tupi” na formação do português do Brasil.

Os autores, brasileiros e alemães, são todos especialistas na matéria, na Linguística Histórica e Descritiva, na Sociolinguística, no Português Brasileiro e na Linguística das Línguas Indígenas.

Os organizadores

O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico

Wolf D.

Famílias linguísticas e troncos linguístico

O que se chama “tupi” na tradição brasileira a partir do século XIX cinge a uma realidade linguística complexa. O tupinambá, em que se baseiam as línguas gerais da época colonial, a língua brasileira, a língua geral paulista e a língua geral amazônica, extinto desde a primeira metade do século XVIII (cf. Rodrigues, 1996: 57), foi uma das línguas da grande família linguística tupi-guarani. Essa se chama tupi-guarani, nas classificações dos especialistas porque o tupi(nambá) e o guarani foram as primeiras línguas documentadas da família e assim serviram como definição.

Para a definição do conceito de “família linguística”, sejam citadas as palavras de Aryon Rodrigues:

As línguas do mundo são classificadas em famílias segundo o critério genético. De acordo com esse critério, uma família linguística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversificadas no correr do tempo, de uma só língua anterior. As línguas românicas ou neolatinas – português, espanhol, catalão, francês, romanche, italiano – constituem uma família, cujos membros derivam de uma língua ancestral bem conhecida historicamente – o latim. Para a maioria das famílias linguísticas, porém, as línguas ancestrais são pré-históricas, não se tendo

NAU BRÉTOA (1511). Roteiro de Duarte Fernandes, e mais documentos officiaes, relativos á viagem da Não Bretoa até Cabo Frio em 1511. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 24, 1861, 96-111. [e "Liyuro da náoo bretoa que vay pera a Terra do brazyll de que som armadores bertolameu marchone e benadyto morelle e fernã de lironha e francisco miz que pario deste porto de Lix." a xx] de feureiro de 511". In: DIAS, Carlos Malheiro; VASCONCELLOS, Ernesto de; GAMEIRO, Roque (org.) (1921-24). *História da colonização portuguesa do Brasil*. Edição monumental comemorativa do primeiro centenário da independência do Brasil. 3 v. Porto: Litografia Nacional, 343-347.]

NEIVA, Artur (1940). *Estudos da lingua nacional*. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Nacional.

NOLL, Volker (2008). *O português brasileiro. Formação e contrastes*. São Paulo: Globo.

PIGAFFETTA, Antonio (1800 [1519-21]). *Primo viaggio intorno al globo terraqueo, ossia ragguaglio della navigazione alle Indie orientali per la via d'occidente*, fatta dal cavaliere Antonio Pigafetta, partizio vicentino. Milano.

Pozza, Mario (org.) (1984). *Il mondo nuovo di Amerigo Vespucci. Vespucci autentico e apocrifo*. Milano: Serra e Riva.

RAMUSIO, Giovanni Battista (1978-79). *Navigazioni e viaggi*. I. Torino: Einaudi, 1978. II. Torino: Einaudi, 1979.

RIBEIRO, Darcy; MOREIRA NETO, Carlos de Araújo (org.) (1992). *La fundación de Brasil. Testimonios 1500-1700*. Caracas: Ayacucho.

RIZZINI, Carlos (1988 [1946]). *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500-1822*, com um breve estudo geral sobre a informação. Meios de comunicação, correio, catequese, ensino, sociedades literárias, maçonaria etc., com numerosas ilustrações. São Paulo: Imprensa Oficial.

SCHMIDEL, Ulrich (1962 [1567]). *Wahrhaftige Historien einer wunderbaren Schiffart* [sic]. Graz: Akademische Druck- und Verlags-Anstalt. [veja-se também OBERMEIER, Franz (org.) (2008). *Reise in die La Plata-Gegend (1534-1554). Viaje al Rio de la Plata y Paraguay*. Kiel: Westensee.]

Sousa, Gabriel Soares de (1971 [1587]). *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. 4. ed. São Paulo: Nacional.

STADEN, Hans (1557). MAACK, Reinhard; FOUQUET, Karl (org.) (1964 [1557]). *Hans Staden's Wahrhaftige Historia*. Marburg: Trautvetter & Fischer Nachf. [veja-se também OBERMEIER, Franz (org.) (2007). *Wahrhaftige Historia. Zwei Reisen nach Brasilien (1548-1555). História de duas viagens ao Brasil*. Kiel: Westensee.]

TEIXEIRA, Dante, M.; PAPAVERO, Nelson (2009). *Os primeiros documentos sobre a história natural do Brasil. Viagens de Pinzón, Cabral, Vespucci, Albuquerque, do Capitão de Conneville e da Nau Bretoa*. 2. ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.

THEVET, André (1997 [1557]). *Le Brésil d'André Thevet. Les singularités de la France Antarctique (1557)*. Edition intégrale établie, présentée & annotée par Frank Lestringant. Paris: Chandeigne.

O papel do tupi na formação do português brasileiro

Wolf Dietrich e Volker Noll

Tupinambá e línguas gerais

Na primeira metade do século XVI, a língua mais divulgada na costa brasileira era o tupinambá, então chamado de língua brasileira pelos portugueses. Esta língua se falava entre casais de portugueses com mulheres indígenas e seus filhos mestiços. O tupinambá foi usado também nas atividades dos missionários capuchinhos e jesuítas do século XVI e no início do século XVII. Os primeiros empréstimos do tupinambá no português já se deram naquela época. Os jesuítas do século XVII passaram a chamar esta língua de uso comum de língua brasileira ou língua do Brasil (cf. Rodrigues, "Tupi, tupinambá, línguas gerais e português do Brasil", neste volume). A denominação língua geral, utilizada no século XVII, referia-se, sobretudo, à ampla difusão da língua. Contudo, do ponto de vista linguístico, já não designava o tupi genuíno, mas uma forma modificada desta língua. Em contraste com as *línguas gerais* da zona hispânica da América, que denominavam línguas veiculares indígenas difundidas suprarregionalmente (p. ex., o quéchua), trata-se, sob o termo língua geral, de variedades que surgiram no Brasil devido à mestiçagem da população a partir do século XVII. Independentemente da missão dominicana, jesuítica e franciscana inicial, tornaram-se uma forma do tupi mais evoluída e simplificada, sobretudo na sua fonética e na morfossintaxe.

Na literatura, a língua geral é, por vezes, caracterizada como equivalente ao tupi (p. ex., em Silva Neto, 1986: 30, 51) ou como construído dos jesuítas. Ambas as posições são inexatas. A designação *tupi* (< *tupinambá*) surgiu no século XVIII e se referia inicialmente à língua dos índios tupinambás

(do Pará), para diferenciar a forma genuína do seu tupi da língua geral amazônica (cf. Rodrigues, 1986: 100) que se formou no curso da expansão portuguesa na bacia do rio Amazonas nos séculos xvii e xviii. Por muito tempo, serviu também como língua de comércio entre brancos e índios aloglotas. A partir do século xix foi chamada de *nheengatu*.¹ Conforme Rodrigues (1986: 103), a língua geral amazônica de hoje (*nheengatu*) difere não só da língua tupinambá (ou língua brasileira), mas também da língua geral amazônica do século xviii.

Na época colonial, fora dos centros administrativos como, por exemplo, Salvador, a língua geral era mais popular que o português, que se impôs no interior só na segunda metade do século xviii. Este fato contribuiu para fazer do tupi um elemento constitutivo do português brasileiro,² particularmente na terminologia da fauna e flora do Brasil. Está presente em inúmeros nomes de rios e topônimos em todo o Brasil. Diz o padre Antônio Lemos Barbosa, um dos estudiosos do tupi dos anos 50 do século xx, no prefácio a seu *Curso de tupi antigo*, que o conhecimento “sequer superficial” desta língua “faz parte da cultura nacional” (Barbosa, 1956: 9).

Até hoje, falam-se, no território brasileiro, umas 170 línguas indígenas (Rodrigues, 1986: 18) à margem do que nós chamamos de civilização. Porém, todas elas contam um número de falantes relativamente pequeno, ou até muito pequeno. Na atualidade, estas línguas não têm influência nenhuma no português, mas, pelo contrário, são contaminadas pelo português e, em muitos casos, pouco a pouco abandonadas pelas nações indígenas assimiladas pelo mundo moderno. Entre as numerosas línguas extintas, a que teve maior importância na história da língua portuguesa no Brasil foi a tupi, a língua de várias tribos da costa brasileira na primeira época da colonização. Trata-se de um dos grandes ramos da família linguística tupi-guarani que, desde o século xv, estava em plena expansão, avançando, em várias migrações, do sul para o norte. A língua destas tribos, apesar da enorme dispersão geográfica, mostrava pouca diferenciação interna. Faziam parte delas os tapés da costa do atual Uruguai, os caríós ou carijós que se estendiam desde a ilha de Santa Catarina até a costa de São Paulo, os tupinambás ou tamoios da costa do Rio de Janeiro e da Bahia, os tupiniquins do Espírito Santo, os caetés e potiguaras ou pitiguaras das costas situadas entre a Paraíba e o Piauí e os tobajaras do Maranhão.

O tupi foi escolhido, já em 1549, ano da fundação da cidade de Salvador da Bahia, pelos jesuítas para a catequização dos índios. Foi essa língua, na variedade tupinambá da região de Salvador, que os primeiros padres, Manuel de Nóbrega e, mais ainda, João de Azpilcueta Navarro, aprenderam e ensinaram

ao jovem José de Anchieta, chegado ao Brasil em 1553 para participar dos trabalhos da catequese. A fim de facilitar a missão, mas também para afastar os índios de suas crenças e de sua vida costumada em pequenos núcleos caracterizados pela organização circular das casas, os missionários mandaram construir aldeias grandes onde as casas eram distribuídas por ordem retilínea, em analogia com as cidades portuguesas. A língua veicular para os índios de tribos diferentes e os missionários era unicamente o tupinambá, descrito e reduzido em arte de gramática pelo próprio José de Anchieta – a primeira gramática do tupi, publicada em Coimbra em 1595. Era a língua não somente da catequese, mas também da vida de todos os dias e das distrações espirituais, por exemplo, das obras teatrais compostas pelo próprio padre Anchieta.

Anchieta, que mais tarde foi chamado de “padre da missão brasileira”, não se demorou muito tempo em Salvador, mas partiu para a região de São Vicente quatro meses depois da sua chegada. Foi ali que ele aperfeiçoou seus conhecimentos do tupi (cf. Rodrigues, 1997: 373-374). Embora ele deva ter conhecido as variações diatópicas do tupi, não se detém muito nas diferenças linguísticas entre o Norte e o Sul na sua gramática. Porém, parece que a gramática não foi escrita na região de São Paulo, onde Anchieta permaneceu onze anos, senão na Bahia, para onde regressou mais tarde, dado que ele descreve a pronúncia da costa nordestina (Rodrigues, 1997: 374). Discutiu-se muito, na linguística ameríndia, o problema da autenticidade das anotações dos primeiros descritores de línguas indígenas. Criaram, nas suas gramáticas, uma língua artificial, estandarizada, talvez até simplificada, ou se anotaram fielmente a língua falada na região? Rodrigues (1986: 99-109) insiste que a descrição de autores como Anchieta tinha que ser fiel porque, caso contrário, a fala dos missionários teria parecido ridícula nos ouvidos dos próprios índios. De qualquer maneira, a ideia de poucos missionários serem capazes de modificar ativamente a estrutura da língua das dezenas de milhares de índios que os rodeavam é absurda. Por conseguinte, Rodrigues distingue da língua das missões à língua geral falada pelos portugueses que viviam com mulheres índias, sobretudo a partir do século xvii.

Foi nas áreas mais afastadas do centro administrativo da Colônia (que era a Bahia) que se intensificou e generalizou o uso da língua brasileira como língua comum entre os portugueses e seus descendentes – predominantemente mestiços – e escravos (inclusive africanos), os índios tupinambá e outros índios incorporados às missões, às fazendas e às tropas: em resumo toda a população, não importa qual sua origem, que passou a integrar o sistema colonial (Rodrigues, 1986: 101).

A concepção da língua das missões, do tupinambá, diferenciada das línguas gerais impuras, divulgadas nas áreas afastadas do centro administrativo e falada por mestiços, não era usual nos estudos tipológicos até a metade do século xx. Foi Frederico Edelweiss (1947, e 1969: 69-73) quem a introduziu na discussão. Rodrigues (1986: 99-109; 1996: 6-10, e sua contribuição neste volume) distingue duas línguas gerais, a língua geral paulista (LGP), pouco documentada,³ e a língua geral amazônica (LGA). Na costa leste e nordeste do Brasil, estabeleceu-se um contato intenso entre portugueses e indígenas no século xvi, resultando daí passarem muitos termos tupinambás para o português, naquela época. Mas não se formou uma língua geral entre o Rio de Janeiro e o Piauí, principalmente pelo extermínio dos tupinambás, tupiniquins, potiguaras etc. por parte dos portugueses, pelas epidemias de varíola e pela "maciça importação de escravos africanos e a continuada imigração de portugueses" (Rodrigues, 1996: 11). O que se chama a língua brasileira da região baiana não foi uma língua geral, mas o tupinambá relativamente puro que falavam os filhos mestiços de pais portugueses e mães indígenas. A língua geral paulista e a língua geral amazônica eram línguas mestiçadas porque aportuguesadas em certa medida na fonologia (perda da vogal central /ɨ/, que coincide com /i/ no Norte, com /u/ na região de São Paulo) e por terem perdido certos recursos gramaticais e sintáticos da língua indígena original. Contudo, não se trata de línguas crioulas, já que conservaram não só o léxico, mas também as estruturas morfossintáticas fundamentais do tupi.

As línguas gerais afastadas dos grandes centros coloniais, a paulista e a amazônica, floresceram até meados do século xix, época em que a afluência de colonos europeus era ainda escassa. A bandeira paulista do século xvii levou a língua geral a áreas onde nunca tinham estado tupinambás, nos atuais estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e no sul do Brasil, deixando vestígios duradouros, por exemplo, na toponímia. Ante a crescente imigração portuguesa da segunda metade do século xviii e as europeias do século xix, as línguas gerais foram se extinguindo cada vez mais, até desaparecerem no século xix. Só o nheengatu se mantém até hoje como língua dos caboclos e de várias tribos indígenas do Alto Rio Negro (cf. Taylor, 1985).

Discussão da influência do tupi no português brasileiro

Depois desta breve exposição dos fundamentos históricos, coloca-se a questão sobre a influência da língua brasileira e das línguas gerais no português brasileiro⁴ assim como a probabilidade da transmissão destas influências até a língua atual. Para responder tal questão é preciso compreender que não há continuidade na presença da língua brasileira da época colonial até a época moderna. Não só deixou de se falar a língua brasileira da costa, no decorso do século xviii, mas também os últimos falantes da língua geral paulista foram absorvidos pelas grandes massas de novos imigrantes portugueses a partir dos séculos xviii e xix, já para não falar nas vagas de alemães, italianos, polacos, árabes (sobretudo libaneses e sírios) e de outras nações nos séculos xix e xx. Todos estes imigrantes aprenderam o português e não puderam continuar a tradição tupi anterior.

Autores como Teodoro Sampaio (1987 [1901]), Clóvis Monteiro (1926; 1959: 75-136), Aduacto Fernandes (1961: 50-51), Plínio Ayrosa (1967), Francisco da Silveira Bueno (1973) e Antônio G. da Cunha (1999: 18), para mencionar os mais distintos, insistiram repetidamente num possível substrato tupi para explicar certas particularidades da pronúncia brasileira. Naturalmente é fácil criticar hoje estas gerações de estudiosos, porque todos eles eram ponderantemente filólogos dos documentos do tupi antigo dos jesuítas antes de conhecerem o nheengatu vivo das áreas extremas da Amazônia ou uma das línguas tupis-guaranis que se falam ainda hoje no Alto Xingu, no Pará, no Maranhão, no Amapá, em Rondônia ou numa das partes do Estado do Amazonas. Para os linguistas modernos, porém, que fazem estudos de campo destas línguas, é evidente que os filólogos citados careciam de conhecimentos concretos tanto das regras morfomorfemáticas como da morfossintaxe das línguas desta família. O pioneiro da aplicação de métodos linguísticos modernos às línguas indígenas brasileiras e, em especial, ao tupinambá da época jesuítica, desde os anos 1950, foi Ayrton Rodrigues.

Na intenção de dar uma resposta à questão exposta no início desta seção, temos que começar pela negativa: não há influência tupi nem na fonética, nem na morfologia do português brasileiro. Veremos que as particularidades discutidas que distinguem o português brasileiro do português europeu se explicam

por evoluções internas, não por influência da língua brasileira. Esta só se reflete no léxico e nos nomes (toponímia, hidronímia, coronímia e antroponímia).

Na discussão sobre as influências estruturais no português brasileiro (excetuando o campo do léxico), as características fonéticas seguintes foram atribuídas ao contato linguístico com o tupi (e, aliás, na maioria, também às línguas africanas):

- (1) a entoação brasileira;
- (2) a nasalização heterossilábica (port. bras. [kẽ.ma] vs. port. eur. [ke.ma]);
- (3) a desfonologização da língua popular de /s/ > /j/;
- (4) a queda dos /r/, /l/ finais;
- (5) a neutralização da língua falada de /r/ e /l/ > /R/, por exemplo, em final de sílaba;
- (6) a africativização de /t/, /d/ diante de [i] > [ʲ], [dʒ];
- (7) a assimilação progressiva na língua falada de [nd] > [n];
- (8) a africada [tʃ] para a grafia <ch>: *chave* [ˈtʃavi];
- (9) a quebra generalizada de encontros consonantais (*flor* > *fulô*).

A questão de uma influência das línguas gerais na fonética e fonologia do português brasileiro é discutida detalhadamente por Noll (2008: 213-218). Em princípio, todas as línguas têm uma tendência imanente à mudança que foi denominada por Sapir como *drift* (port. *deriva*). Tal mudança pode ser provocada (*trigger effect*) ou fomentada, em casos particulares, por fatores externos, como isolamento, contato linguístico e migração. No português brasileiro, não existe, porém, nesses casos particulares, nenhuma prova substancial de mudança linguística condicionada preponderantemente por sistemas alheios.

- (1) A entoação frasal brasileira, mencionada como traço distintivo desde Gonçalves Viana (1892: LI), carece de um julgamento possível, pela falta de qualquer tipo de fundamentação, tanto no português de Portugal como no português brasileiro.
- (2) A nasalização heterossilábica conservada no português brasileiro foi característica do português até o século XVII e, além disso, era amplamente divulgada em Portugal ainda no começo do século XX (Leite de Vasconcellos, 1987: 75). Embora a nasalização regressiva ocorra também no tupi, não é típica da região de maior concentração

de língua brasileira, isto é, da costa que se estende entre São Vicente e o Nordeste do Brasil. Quando muito, poderia ter tido um efeito convergente.

- (3) A desfonologização, na língua popular, da oposição de /s/ : /j/ > /j/ corresponde a uma evolução interna de muitas línguas românicas. A oposição foi abandonada na história do romeno e do francês, a queda é amplamente divulgada no espanhol, sobretudo no espanhol americano, e ela se nota também no nordeste de Portugal (Trás-os-Montes; cf. Leite de Vasconcelos, 1987: 107). No espanhol paraguaio, em contrapartida, é justamente a manutenção do fonema /s/ que foi atribuída à influência do guarani, apesar de este fonema não existir no inventário tradicional do tupi-guarani. No Paraguai, ao contrário, foi integrado pela influência do espanhol da época colonial.⁵
- (4) Quanto à queda dos /r/, /l/ finais, é possível apontar circunstâncias linguísticas análogas no espectro de variedades do espanhol meridional. Além disso, a perda do /r/ final aparece em dialetos portugueses do Norte, do centro e do Sul do país (cf. Naro e Scherre, 2007: 122). Dado que, no português brasileiro, há também formas aspiradas de /-r/ [-x -h], não se trata exatamente de uma questão de manutenção ou de perda. Ao contrário, existe uma fase intermediária nesta evolução que não concorda com a situação no tupi. Isto se torna mais claro ainda quando se leva em conta que o /r/ final se manteve na língua geral. O tupi, por seu lado, só carece do fonema /l/, o que poderia, quando muito, ter facilitado ainda a queda final da lateral na língua popular.
- (5) A neutralização de /r/ e /l/ > /R/ em posição pré-consonantal aparece também no Noroeste de Portugal (Minho). Visto que o tupi não conhece o fonema /l/, a substituição por [r] seria uma consequência natural, não fosse o fato de um grupo consonantal com [l] não corresponder à estrutura fonológica do tupi. No *Vocabulário português-brasilico*, publicado por volta de 1700, aparece *arapimeta* proveniente do português *alfinete* (cf. Castro, 1984: 362), o que evidencia a ruptura do encontro [rp] > [rap] ao lado da substituição do /l/ e do /f/.
- (6) A africativização de /t/ e /d/ > [tʃ], [dʒ] é, no português brasileiro, uma evolução fonética recente que provavelmente não ocorreu antes

do século XIX. Além disso, é típica dos centros urbanos, o que se nota, por exemplo, em Salvador, em contraposição ao interior baiano (cf. Noll, 2008: 66-69, 235-236). A aparição tardia, assim como o caráter urbano da africativização, dá testemunho contra qualquer filiação indígena do fenômeno.

- (7) O desenvolvimento de [nd] > [n] é um fenômeno de assimilação difundido, também conhecido de dialetos portugueses (cf. Naro e Scherre, 2007: 122) e do italiano meridional, que mostra diversas afinidades com as línguas ibero-românicas. No português brasileiro, a evolução não se pode explicar pelo tupi, sendo naquela língua [nd] um dos nexos mais frequentes, por exemplo, em *a-êndub*, 'eu ouvi', no *Vocabulário na língua brasileira* (VLB, II: 61), *ceñdã*, 'entender, escutar, ouvir...', no *Dicionário português-brasileiro e brasileiro-português* do século XVIII (Ayrosa, 1934: 221). Por conseguinte, um empréstimo como, por exemplo, *mandioca* conservou o nexo <nd> em português.
- (8) A africada [tʃ], correspondente à grafia <ch> (*chave* [ʃ'avɨ]), se apresenta como um arcaísmo que foi conservado também no Norte de Portugal, enquanto, no século XVII, se desenvolveu para [tʃ], no centro e no Sul do país. Visto que o tupi dispõe da fricativa [ʃ] (grafada como <x>), não haveria razão para uma substituição [ʃ] > [tʃ]. Para Rodrigues de Souza (2001: 53), a africada é até um traço da "semicrioulização do português em Mato Grosso", embora, até o século XVII, [tʃ] correspondesse à pronúncia comum do português. A ruptura de nexos consonantais (*flor* > *fulô*) também se testemunha em Portugal (cf. Leite de Vasconcelos, 1987: 100). O surgimento do mesmo fenômeno nos séculos XIX-XX (*táxi* → [ˈtakis], *pneu* → [ˈpi neʊ]) sugere o desenvolvimento imane no português brasileiro. Contudo, a estrutura silábica CV do tupi poderia ter tido um efeito convergente em certos casos.
- (9) A ruptura de nexos consonantais (*flor* > *fulô*) também se testemunha em Portugal (cf. Leite de Vasconcelos, 1987: 100). O surgimento do mesmo fenômeno nos séculos XIX-XX (*táxi* → [ˈtakis], *pneu* → [ˈpi neʊ]) sugere o desenvolvimento imane no português brasileiro. Contudo, a estrutura silábica CV do tupi poderia ter tido um efeito convergente em certos casos.

Os exemplos mencionados mostram que a mera comparação estrutural não serve por si só para deduzir uma filiação indígena. Isto é válido, sobretudo, quando se considera que a atribuição dupla dos elementos indígenas e africanos, associada à maioria dos casos apresentados, parece quase arbitrária e permutável. Todas as características do português brasileiro, com exceção do léxico – ao qual se conferem influências indígenas –, podem ser explica-

das, em relação ao seu desenvolvimento, como simplesmente portuguesas ou românicas. Apesar disso, uma influência externa concorrente não se exclui, por fim, em casos particulares.

Influência da língua brasileira no léxico

No campo dos empréstimos, o português brasileiro dispõe de elementos das línguas indígenas desconhecidos ou, menos usuais, do português europeu. Esse léxico, tido geralmente como típico do português brasileiro, não tem, no entanto, nenhum papel no âmbito do vocabulário básico. Entre os empréstimos indígenas, há preponderantemente tupinismos, o que se explica pela difusão histórica desta língua.⁶

É só no vocabulário e nos nomes próprios (toponímia, hidronímia, coronímia, antroponímia) que a influência da língua brasileira no português brasileiro comum é indiscutível, assim como a do nheengatu, no português regional amazônico. É claro que, ao lado dos tupinismos geralmente divulgados no português brasileiro, ocorrem também diferenças regionais. Assim, *açai* e *buçu* são espécies de palmeiras da Amazônia, das quais *açai* é antes conhecido como fruto, ao passo que *buçu* nessa região é usado especialmente para a construção de casas. *Umbu* é uma fruta do Norte e Nordeste do Brasil que se conhece menos, por exemplo, no Rio de Janeiro. No entanto, muitas vezes é difícil saber com certeza a origem de uma determinada palavra, se vem da língua brasileira, da língua geral paulista, língua geral amazônica ou do nheengatu.

Em relação aos empréstimos do tupi, o *Aurélio eletrônico* (v. 5.11) enumera, para o português brasileiro, 2.533 verbetes, e o dicionário Michaelis 3.238, enquanto os *Dicionários pro da língua portuguesa* de Portugal apontam apenas 504 palavras. O total de tupinismos é avaliado, no português brasileiro, incluindo os topônimos, em 10 mil. Chaves de Melo (1971: 43) fornece esse número, invocando uma informação pessoal de Artur Neiva. No *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi* (Cunha, 1999: 10) fala de 60 mil topônimos, incluindo, contudo, denominações repetidas.

O vocabulário indígena, tratado num artigo de Dietrich (1998), se destaca por conter, em grande parte, substantivos oxítonos que são geralmente incomuns em português. Estes se referem quase exclusivamente ao ambiente

original dos indígenas: (a) nomes de frutos e plantas (*jenipapo*, 'fruto do jenipapeiro'; *cipó*, 'liana'), (b) fauna (*jacaré*, 'caimão'; *tamanduá*, 'urso-formigueiro'), (c) formas de paisagem (*igapó*, 'mata cheia de água'; *igarapé*, 'rio pequeno'), (d) topônimos (*Itapuã*, BA; *Parati*, RJ), (e) hidrônimos (*Mucuri*, *Paranaíba*), (f) antropônimos: sobrenomes (*Oiticica*), prenomes femininos (*Jacira*, *Jaciara*).

No decurso da evolução, aconteceram certas adaptações dos tupinismos ao sistema fonológico do português: por exemplo, a vogal central baixa /i/ passa geralmente a /i/, algumas vezes a /u/, sobretudo ao sul de Angra dos Reis (RJ) (cf. Rodrigues, 1995: 235-237); a fricativa palatal /j/ passa à fricativa alveolar [ʃ], segundo o modelo do português, quando a letra <j> se pronuncia [ʃ]. A oclusão glotal /ʔ/, marcada pela apóstrofe na ortografia usada pelos linguistas a partir do século XX, por exemplo em *kapi'i*, 'capim', que aliás não se anotava nos vocabulários da época colonial, descurou-se na passagem da língua geral para o português. A nasalização da vogal final em casos como *cupim* < *kupi'i*, *capim* < *kapi'i*, *surubim* < *surubi*, *amendoim* < *mandubi*, *aipim* < *api'i*, *urucum* < *uruku* não está ainda bem explicada. As consoantes finais do tupinambá conservaram-se na língua brasileira (por exemplo em *a-je-upir*, '1p-voz reflexiva-alçar', 'eu subi'), muitas vezes com o acréscimo do sufixo átono -a do caso argumentativo que tinha perdido a sua função, como em *jagwár-a* > *jaguara*, 'cão'. A vogal central baixa /i/ se escreve <y> na ortografia das línguas tupis-guaranis usada pelos linguistas e também na ortografia oficial do guarani do Paraguai.

Fazer a etimologia das palavras de origem tupi, isto é, de uma das línguas gerais, não é sempre fácil, já que se observam muitas corrupções das palavras originais e várias mudanças fonéticas, nem sempre explicáveis facilmente (cf. Cunha, 1999). É evidente que os dicionários disponíveis das línguas gerais não apresentam necessariamente as formas que estão na base das palavras que passaram à língua comum portuguesa.

Motivação dos empréstimos. Fontes lexicográficas

A motivação dos falantes do português para adotarem termos da língua brasileira, da língua geral paulista, da língua geral amazônica ou do *nheengatu* é dada pela necessidade de denominarem objetos e realidades desconhecidas na tradição portuguesa, mas típicas da natureza e da vida no Brasil. Assim é

natural que a grande maioria dos termos de origem tupi pertença à linguagem setorial da fauna, flora, natureza e cozinha. Geralmente são nomes, poucas vezes adjetivos ou verbos. Mas é evidente que o grande número de termos muito específicos destas línguas setoriais não é documentado nos vocabulários da língua geral do século XVIII, razão pela qual muitas vezes é preciso, para darmos uma etimologia possível, reconstruirmos a forma autêntica do tupinambá (t.) e não a da língua geral.

Os vocabulários mais importantes são os seguintes: O *Vocabulário na língua brasileira* (VLB) é o documento mais antigo. É conservado num manuscrito de 1621 publicado só no século XX (VLB, I e II). Infelizmente, a língua de base é o português, não o tupinambá. Do final do século XVIII temos o *Diccionario português-brasileiro e brasileiro-portuguez*. A primeira parte é um pequeno vocabulário português-língua geral do Maranhão, escrito provavelmente pelo franciscano frei Onofre, antes de 1751, no Maranhão. Não se conhece bem a origem da segunda parte, língua geral-português, que tem uma história complicada de várias publicações parciais no século XIX: Plínio Ayrosa publicou as duas partes em 1934 (Ayrosa, 1934). Sobre a história lexicográfica da língua geral amazônica informam vários artigos contidos na publicação recente de um manuscrito encontrado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (cf. Barros e Lessa, 2006).

Exemplos da fauna

- (a) Mamíferos: *tatu*, *tamanduá* < t. *tamandu'a*; *jaguar* < t. *jagwar*, 'onça', *jaguara*, 'cão', < t. *jagwár-a*, 'onça + sufixo de caso argumentativo, sem função na língua geral', *jaguareté*, 'onça pintada', < t. *jagwar-ete*, 'onça + sufixo de intensidade', 'verdadeiro'; *maraçajá* < t. *mbarakajá*, 'gato-do-mato'; *capivara* < t. *kapi'i-gwár-a*, 'capim-pertencente + a-sufixo de caso', 'habitante do capim'; *paca* < t. *pák-ha*, 'acordar + sufixo nominalizador', 'aquele que está desperto'; *sucuarana* < t. *sywaçu-a(b)-rana*, 'veado-pelo-como', 'parecido à pele do veado'.
- (b) Serpentes e cobras: *jararaca* < t. *jararák-a*; *sucuri* < t. *sukuri*, 'anaconda', com as subespécies *sucurijú* < t. *sukuri-jub*, 'sucuri amarela', cf. *sucuri-amarela*, *sucurijuba* < t. *sukuri-jub-a*, 'sucuri-amarela + sufixo de caso'; *surucucu* < t. *surukuku*, 'Lachesis muta', e *surucutinga* < t. *surukuku ting-a*, 'surucucu-branca + sufixo de caso';

jiboia < t. *y mboi-a*, 'água-serpente + sufixo de caso', 'serpente de água', e muitos outros compostos com o elemento *boi* < t. *mboj*, 'cobra', como *boiaçu*, 'sucuri', 'mito ofídico', 'a constelação do Serpentário', < t. *mboi-açu*, 'serpente-grande', *boiguacu*, 'sucuri, sucuri-amarela', < t. *mboi-gwaçu*, 'serpente-grande', com as variantes *boioçu*, *buiuçu*, *boiçu* e *boiuna* < t. *mboi-un-a* 'serpente-preta + sufixo de caso'.

- (c) Peixes: *surubi*, com as variantes usuais na Amazônia, *surumi*, *surumbi* < t. *surubi*; *parati*, 'espécie de tainha' < t. *parati*; *camurim* < t. *kamburí*, 'robalo, camurim'; *piranha* < t. *pi(ira)-raí-a*, 'peixe-dente + sufixo de caso', 'peixe-dente'. Um certo número de nomes dos peixes amazônicos explicam-se a partir da língua geral amazônica: *tambaqui* < LGA *tambaki*, *tucunaré*, provavelmente de LGA *tuká*, 'tucum', + *a-re*, 'cair-passado', 'peixe [que come as frutas] da palmeira tucum caídas [na água alta, na época das cheias]'; *pirarucu* < LGA ou t. *pira-(u)ruku*, 'peixe-urucum, 'peixe avermelhado como de urucum'.
- (d) Aves: *surucuá* < t. *suruku'a*; *urubu* < t. *urubu*; *urutau* < t. *urutau*; *tucano* < t. *tukán-a*, 'tucano + sufixo de caso'.
- (e) Insetos: *cupim* < t. *kupi'i*; *mangangá* < VLB *mōgāga*, 'besouro', *muquirana* ou *mucurana*, 'piolho', < t. *mokyrán-a*, VLB *moquigrana* (com a grafia <ig> para /i/) 'piolhos do corpo humano'; *uruçu* < t. *eiru-uçu*, 'abelha grande', VLB *eiruçu*, 'abelha', *saiva* < t. *ysa úb-a*, VLB *ygcauba*, "a [formiga] ruiva e grande q. come as prantas" (VLB, I: 142).

Exemplos da flora

- (a) Plantas baixas e arbustos: *capim* < t. *kapi'i*, VLB *capij*, 'erva qualquer'; *cipó* < t. *yypó*, com muitas subespécies (*cipó-bravo*, *cipó-caboclo*, *cipó-de-são-joão*) e derivados em português (*cipoada*, *cipoal*); *taquara* < t. *takwár-a*, VLB *tacoara*, "cana brava, oca por dentro... Tem muitas espécies. *Tacoaruçu*, *Tacoapenima*, *Tacoapoca*, *Tacoajoçara*, *Tacoari*" (VLB, I: 65); *timbó* < t. *timbó*, 'designação comum a várias plantas usadas para tingujar', VLB "Timboguacu, Timbopiriãna, jbiratimbo. *Yapicai* barbasco, não tem gênero; e o sumo de cada hum destes Tingui" (VLB, I: 51); *tingui* e o verbo *tin-*

guijar < t. *tingy*, 'espuma ou sumo de algumas plantas que se usa para tingujar'; *petume*, *petima*, 'fumo-de-jardim', < t. *petym-a*, 'tabaco, fumo de tabaco + sufixo de caso', cf. também *petúnia*; *caá*, 'mate, plantas em geral', < *ka'á*, 'mato, vegetação'.

- (b) Árvores: *ipê* < t. *ype*, 'casca' (com várias subespécies *ipê-amarela*, *ipê-rosa*); *tabebuia* < t. *ta(b)-bebui-a*, 'cabelo-leve-sufixo de caso', 'madeira leve como um cabelo'; *jacarandá* < t. *jakarandá*, *genipapo* e *genipapeiro* < t. *nhandy-pab-á*, 'gordura/azeite-todo-fruto', 'fruto de gordura completa', cf. Ruiz de Montoya (1639: 242): "ñandipabá, fruta conocida con que se pintan, ..., ñandipabí, el arbol"; *babaçu* < t. *bab-açu*; *buriti* < t. *mbyryti*; *tucum* < t. *tukum*, VLB *tucum* (cf. VLB, II: 63, s.v. *palma* ou *palmeira*); *tucumã* < t. *tukumbá*; *carnai-ba* < t. *karandá-yb-a*, 'árvore carandá + sufixo de caso'; *pindó* < t. *pindó*; *taxi* e *taxizeiro* < LGA *taxi*, 'espécie de formiga', cf. t. *tacyb*, 'espécie de formiga'.
- (c) Frutas: *urucum* < t. *uruku*, 'substância tintorial de cor vermelha que os indígenas extraíam do fruto de certas árvores'; *guaraná* < LGA *mawé waraná*; *araçá* < t. *araçá*, *açaí* < t. *açaí*; *cupuaçu* < t. *kupu-açu*, 'cupu grande'; *maracujá* < t. *mborukujá* (cf. Ruiz de Montoya, 1639: 217, *mburucuíta*); *caju* < t. *akaju*; *abacaxi*, documentado em Ayrosa (1934: 133) *abacaxii*, é de origem controversa.

Exemplos de termos para formações de terreno e paisagens

Caatinga, *catinga*, 'vegetação típica do Nordeste brasileiro', < t. *ka'a ting-a*, 'mata branca + sufixo de caso'; *igarapé* < t. *y-apó*, 'charco, pântano' (com a grafia jesuítica <ig> para /i/), como em *igarapé* < *yar-apé*, 'canoa-caminho', 'caminho da canoa').

Exemplos de termos da cozinha

Mandioca < t. *mandi'óg-a*, 'mandioca + sufixo de caso',⁸ *tapioca* < t. *typy'óg-a*, 'espremer o cozido tirando-o do caldo', cf. VLB "Farinha da mesma agoa da mandioca crua coalhada - *Tigfiaca* I. *Tigpiogcui* porque a agoa se chama *Tigpáca* I. *Tigfioca*" (cf. VLB, I: 135);⁹ *abati*, 'milho', < t. *abati*; *mingau* < t. *minga'ú* < *mi-ka'u*, 'o que se come'; *pirão* < t. *mi-ndyppyr-ô*, 'o ensopado';

manipueira, 'suco leitoso de mandioca ralada', < t. *mani-pwér-a*, 'mandioca-passado-sufixo de caso', 'o que foi mandioca'; *tucupi*, 'molho da cozinha do Norte do Brasil', < t. *tyku-pyr*, 'reduzir o líquido-part. pass.'; 'destilado'.¹⁰

Pseudossufixos e elementos composicionais

No tupinambá, como nas línguas gerais, observam-se sufixos derivativos que provêm parcialmente de nomes de qualidade: Assim, t. *gwasú*, *wasú*, 'grande, importante', aparece como sufixo, *-açu*, tanto nas línguas gerais como nas palavras e nos topônimos que passaram ao português brasileiro: por exemplo, *tamandúá-açu*, 'espécie grande de tamandua', *boiaçu*, 'jiboia grande', mas também em sintagmas como *chefe açu*, sinônimo de *morubixaba*, *murumuxaua*, *tubixaba* e outras designações dos caciques indígenas. O dicionário Houaiss contém 273 formações brasileiras com (-) *açu*. Além disso, o sufixo aparece em topônimos como *Mogi-Guaçu* (sp), *Itajai Açu* (sc) e hidrônimos (*Iguaçu*).

O sufixo (-) *mirim*, 'diminutivo, pequeno', que pode ser classificado também como adjetivo, é associado, preponderantemente, a nomes de plantas e animais (*tamandúá-mirim*, *cajá-mirim*; também *paraná-mirim*, 'o menor dos dois braços em que um rio se divide'. O dicionário Houaiss relaciona 94 formações, das quais nem todas têm um caráter diminutivo (cf. Michaelis, s.v. *paumirim*, 'árvore de enorme porte, da flora amazônica'). *Mirim* aparece ainda como componente de topônimos e, de forma geral, está mais entranhado no Sul do que no Norte do Brasil (*Parati Mirim*, ri; *Lagoa Mirim*, Itajai *Mirim*, sc; *Guajará-Mirim*, ro; *mangará-mirim*, 'mangarito, erva da família das aráceas' etc.).

O sufixo *-rana* < t. *rân-a*, 'parecido, semelhante', que se tornou sufixo só nas línguas gerais, significa a semelhança com alguma coisa, por exemplo, *imburana*, 'que é semelhante ao imbu', mas não o é; *suçarana*, 'onça-parda, jaguaruna' (cf. subtópico "Exemplos da fauna", item "Mamíferos"); *moquirana*, 'piolho do corpo humano, pessoa desprezível', < t. *mokyrana*, vLB "piohos do corpo humano - *moquirana*" (vLB, II: 73).¹¹ No dicionário Houaiss, encontram-se 208 formações com *-rana*, de origem tupi. Neste contexto, é interessante constatar que existem até formações híbridas como *algodãorana* "planta (*Pavonia paniculata*) da fam. das malváceas, nativa da Amazônia, de que se extraem fibras têxteis" (Houaiss, s. v.).

Além disso, os tupinismos formam, às vezes, composições seriais. O dicionário Houaiss relaciona cerca de 170 palavras que se compõem do elemento *pirá*, 'peixe', e que se referem a peixes ou à pesca (*piracema*, 'cardume de peixes'; *piracuí*, 'farinha de peixe'). Desta maneira, podem-se ainda ordenar, do ponto de vista do significado, muitos outros elementos de composições (*igara*, 'canoa'; *iguá*, 'musgo'; *itá*, 'pedra'; *pará*, 'rio').

Fraseologia

Além dos substantivos, encontramos alguns verbos denominais, como, por exemplo, *capinar*, 'limpar de capim'; *jiboiar*, 'digerir em paz como uma jiboia'; *pererecar*, 'andar de um lado para outro (como as pererecas)'; < *perereg*, 'ir aos saltos', + -(h)a, 'nominalizador', 'quem vai aos saltos'. A fraseologia é o setor da língua que mais testemunha o caráter popular da herança linguística das línguas gerais: *estar/andar na pindaíba* < t. *pindá*, 'anzol', + *yí-b-a*, 'cabo, mastro + sufixo de caso', 'vara de pescar'; *estar no tipiti* (veja a explicação de *tipiti* na nota final 9); *andar ao atá*, 'andar a esmo, sem rumo', < t. *waitá*, 'andar'; *chorar pitanga* < língua geral *pitanga*, 'vermelho' (cf. Ayrosa, 1934: 276) < t. *pytang-a*, 'vermelho + sufixo de caso'; *ser pacova* < t. *pakób-a*, 'banana'; *lamber embira*, 'passar miséria, não ter o que comer', *meter/passar nas embiras*, 'recolher preso, amarrar', < t. *-ybyr-a*, 'estopa, estopento', cf. vLB "estopa - *ygbigra*. Estopenta cousa ser - *xeribir* como tucü, & in 3.a pessoa *cigbir*" (vLB, I: 129); Ayrosa (1934: 313): "*Xerybir* - estupenda cousa ser".

Elementos da língua geral paulista

As poucas palavras que, provavelmente, se devem à influência da língua geral paulista são, por exemplo, as seguintes. (cf. Dietrich, 1998: 490): *jacá*, 'cesto de taquara ou cipó para carregar', < tupi de São Vicente *ajaká*, 'cesto de taquara', cf. guarani *ajaká*, 'cesto'; *socar*, 'moer no pilão', < *soká*, 'moer no pilão',¹² *cutucar* < *kutug*, 'picar, furar',¹³ *aiva*, 'sem valor, insignificante, indisposto', < *aib-a*, 'ruim + sufixo de caso'; *mirim* < *mirĩ*, 'pequeno'.

Influência da língua brasileira na onomástica

Ao contrário do léxico, os nomes próprios de lugares, rios, praias, campos, serras e pessoas, na sua grande maioria, não têm sua origem em uma das línguas gerais da época colonial, mas foram criados mais tarde, quando a língua geral já não se falava. Neste sentido, o “tupi” é, na tradição brasileira – como o latim e o grego antigo nas ciências –, uma fonte virtual, um depósito de raízes lexicais que serve, neste caso, para formar, para não dizer construir, topônimos, hidrônimos etc. Diferindo das formações científicas internacionais, os nomes próprios não são sempre descritivos ou funcionais, mas podem fazer alusão a um evento da fundação do lugar ou um fenômeno que ignoramos. Nem sempre conhecemos o sentido dos topônimos – ainda menos o do nome de um rio – ou a base histórica da língua geral correspondente. Os colonos e fundadores de vilas e cidades dos séculos XIX e XX geralmente criaram os topônimos a partir dos vocabulários existentes da língua brasileira, sem conhecer as regras morfossintáticas do tupinambá, combinando palavras soltas segundo regras imaginadas, o que é outro fator desconcertante na interpretação de topônimos ditos de origem “tupi”. Resulto desta tradição brasileira que topônimos de origem “tupi” se encontrem também fora da expansão da língua brasileira no Brasil colonial, por exemplo, em regiões do interior como Goiás.

Muitos topônimos se explicam facilmente a partir da língua brasileira ou do tneengatu, outros não, porque nem as bases nas línguas gerais eram uniformes, nem os modos de adaptação à fonética portuguesa, obviamente, eram sempre os mesmos. Um topônimo com *Ita-* pode derivar da raiz frequente *ita*, ‘pedra’, como *Itanhaém* (SP) e *Itanhém* (BA) < t. *ita*, ‘pedra’, + *nha em*, ‘pote, vaso, panela’, ‘pote de pedra’; *Itapetininga* (SP) < t. *ita*, ‘pedra’, + *pe(b)*, ‘chato’, + *ting*, ‘seco’, + sufixo de caso, ‘laje seca’. Também pode se basear numa análise linguística errada, como no caso de *Itajá* (SC), < t. *tajá*, ‘tajá, tajurá, tinhorão’, + *y*, ‘rio’, ‘rio dos tajás’, com o acréscimo de *i-* para chegar ao elemento *itá* tão frequente. Além disso, observamos casos de apócope da vogal átona inicial, comum em tupinambá e na língua brasileira, como em *Taubaté* < t. *itá*, ‘pedra’, + *yvaté*, ‘alto’, ‘pedra alta’.¹⁴

O exemplo das variantes *Camucim*, *Camocim* e a *Bahia de Camocim* (CE); *Camuci* (PI) e *Cambuci* (RJ) < t. *kamosi*, *kambosi* (provavelmente variantes re-

gionais), ‘pote’,¹⁵ + *y* ‘água, rio’, ‘rio dos potes’ (cf. Silva, 1993: 41) demonstra a variação na evolução fonética regional. Sem quereremos entrar em detalhes da provável pronúncia regional histórica dos fonemas do tupinambá, pode-se dizer que /m/ se conserva em todos os contextos fônicos sobretudo no Norte, enquanto no Sul se realiza [m] em contexto nasal, [mb] em contexto oral. O resultado da adaptação de [mb] ao português pode ser [m], como em *Mogi das Cruzes*, *Mogi-Guaçu*, *Mogi Mirim* (SP), < t. *mboj*, ‘cobra’, + *y*, ‘água, rio’, ‘rio das cobras’, mas também [b], como em *Boaçu* (BA), *Boiaçu* (RR), < t. *mboj-açu*, ‘cobra grande’, *Boiçucanga* (SP), < t. *mboj-(a)çu*, ‘cobra grande’, + *(a)kang-a*, ‘cabeça-sufixo de caso’, ‘cabeça da cobra grande’.

Exemplos da toponímia

Anhangabau (vale na cidade de São Paulo) < t. *anháng*, ‘gênio mau das matas’, + *amba y*, ‘umbaúba, imbaúba’, ‘figueira-do-inferno’, ‘gênio-umbaúba’; cf. Ayrosa (1934: 206), *Anhangabayg*, ‘rio de São Paulo’.

Araçuí (ES) < t. *guyrá-açu*, ‘ave-grande’, + *y*, ‘água’, ‘rio da(s) harpia(s)’ (cf. da Silva, 1993: 35).

Bauri (SP) < língua geral *mba e ruru* < t. *mba e ruru*, ‘canastra’, ‘cornucópia’.

Buranhém (BA) < t. *ybyrá nha em*, ‘pote/copo de madeira’.

Buatã (SP) < t. *yby-tatã*, ‘terra-duro’, ‘terra dura’.

Camboriú (SC) < t. *kamburi y*, ‘camurim, robalo d’água’, ‘rio dos camurins’, cf. *Lago de Camorim*, perto de Jacarepaguá (RJ).

Curitiba (PR), *Curitiba* (SC) < t. *kuriy*, ‘pinheiro’, + *tyb-a*, ‘plantação + sufixo de caso’, ‘pinhal’.

Guaratinguetá (SP) < t. *guyrá-ting*, ‘ave-branca’, + *-etá*, ‘quantidade’, ‘muitas garças’.

Iguatemi (MS) e nome de centros de compras em muitas cidades brasileiras, provavelmente < t. *yar*, ‘canoa’, *yga* na língua brasileira, + *fi*, ‘nariz’, + *-mi*, ‘diminutivo’, ‘canoa de proa pequena’.

Ijuí (RS) < t. *y-juí y*, ‘espumante rio’, ‘rio espumante’.

Ipanema (bairro do Rio), *Upanema* (RN), < t. *y paném-a*, ‘água inútil/imprestável + sufixo de caso’, ‘rio inútil (sem peixe)’.

Ipiranga (parque no centro de São Paulo), < t. *y pirárig-a*, 'água + vermelha + sufixo de caso', 'rio vermelho', cf. *Itapiranga* (AM), 'pedra vermelha'.

Itabuna (BA) < t. *tab-úr-a*, 'aldeia-preto-sufixo de caso', 'aldeia preta'.
Itaquaquecetuba (SP) < t. *takwá(r)*, 'taquara', + *kysé*, 'faca', + *týb-a*, 'plantação, acumulação', 'acumulação de taquaras cortantes'.

Itumbiara (GO) < t. *yru*, 'cachoira' (cf. VLB, I: 62, s.v. *jgtu*), + *mbiara*, 'caça', 'cachoira da caça'.

Jacarepaguá (subúrbio do Rio) < t. *jakaré*, 'jacaré', + *pygua*, 'enseada, baía', 'enseada do jacaré'.

Piracicaba (SP) < t. *pirá*, 'peixe', + *syk-áb-a*, 'chegar-nominalizador locativo-sufixo de caso', 'lugar da chegada dos peixes'.

Praia da Pituba (perto de Salvador, BA) < t. *(ka)pi'i týb-a*, 'capim acumulação + sufixo de caso', 'praia do capinzal' (cf. Silva, 1993: 77).

Ubatuba (SP) < t. *úb-a týb-a*, 'cana de flecha + suf. de caso acumulação + suf. de caso', 'lugar de muita cana de flecha' (cf. Silva, 1993: 84);
Ubaitaba (BA) < t. *úb-a táb-a*, 'aldeia da cana de flecha'.

Exemplos da hidronímia

Muitos nomes de rios, de vilas e cidades baseiam-se em t. *pará* e *paraná*, 'rio caudaloso', sem que se conheça até hoje a diferença (semântica ou dialéctal?) entre os dois termos:

Paraíba < t. *pará* + *aib-a*, 'ruim-sufixo de caso', 'rio mau', *Paranaíba*, *Paranaíba* < t. *paraná-aib-a*, 'rio mau'.

rio Paranapanema < t. *paraná* + *paném-a*, 'inútil-sufixo de caso', 'rio imprestável'.

rio Ivaí < t. *y vai* ('rio ruim', sendo *vai* a forma meridional que corresponde ao *aib* do Norte).

rio Iguaçu < t. *y guaçu*, 'água enorme'.

rio Uruguai < t. *uruguá*, 'caracol de água doce', + *y*, 'água, rio'.

rio Ibicuí < t. *yby*, 'terra', + *ku'i*, coisa moída, farinha, farelo', 'rio das areias'.

Exemplos da antroponímia

Os nomes de pessoa de origem "tupi", isto é, de uma das línguas gerais, têm duas tradições: uma é a tradição folclórica, por exemplo, do bumba meu boi do Nordeste brasileiro, na qual aparecem figuras mitológicas como o *Jaraguá*, < t. *(kapi'i) jaraguá*, 'espécie de erva (que serve para forragem dos bovinos)', ou a *Caipora*, < t. *ka'a i-pór-a*, 'mato 3ª pessoa-conteúdo/habitante-sufixo de caso', 'habitante do mato'.¹⁶ *Curupira* é um ente fantástico das matas que engana e confunde os caçadores e tem enormes potências sexuais. A forma "breve" *Curupi* não só corresponde ao guarani, mas também se encontra como topônimo (*Gurupi*, ro) e hidrônimo (*rio Gurupi*, divisória entre Pará e Maranhão). A tradição folclórica do *Curupi* se conhece também na região guaranítica da Argentina e do Paraguai.

A outra tradição, mais recente, é a do Brasil colonial e pós-colonial, sobretudo a da regência de Dom Pedro II depois da Guerra do Paraguai (1864-70). Naquela época tornaram-se moda nomes "tupis" para marcar a oposição ao guarani paraguaio. Uma listagem de 355 nomes de origem indígena é apresentada por Neiva (1940: 105-108). Estes nomes em geral são de criação artificial, como os nomes literários de José de Alencar, *Iracema*, < t. *eirã sem-a*, 'mel sair-sufixo de caso', 'que saiu do mel', e de seu filho *Moacyr*, < t. *mbo-asy*, 'causar dor', para expressar o significado 'quem saiu das dores (da mãe). O -r final não tem explicação no tupinambá, nem na língua geral. Outro nome tomado popular é *Juçara*, *Jussara*, tomado do apelativo *juçara* ('espécie de palmeira, *Euterpe edulis*, a que dá o palmito'), *juçara-hýva* em nheengatu. Os nobilitados do Império receberam títulos que se referiam a terrenos com nomes "tupis", como *barão de Baependi*, também topônimo no MT, < t. *mba'e pyndý*, 'coisa limpada', 'clareira', ou *barão de Itambi*, também topônimo no RJ, < t. *itã*, 'concha', + - *í*, 'diminutivo', 'conchinha'. Atualmente, estes sobrenomes de nobres aparecem como nomes de ruas do Rio de Janeiro.

Notas

- ¹ Nheengatu < tupinambá *nhe'ê*, 'fala, língua', + *katu*, 'bom, forte, vigoroso, válido, autêntico'.
- ² A presença do termo tupi como termo da memória coletiva dos brasileiros, até a atualidade, manifesta-se, por exemplo, no título do dicionário do tembé, uma língua tupi-guarani do Maranhão, que não tem nada a ver com a tradição da língua brasileira. Trata-se da obra de Max H. Boudin (1978), *Dicionário de tupi moderno (dialeto tembé-ténéthara do alto do rio Gurupi)*.
- ³ A respeito da documentação da língua geral paulista, veja-se Buarque de Holanda (1996). Outros chamam a língua geral paulista também de "tupi austral".

- 4 Para a influência do tupi, cf. Monteiro (1926), Raimundo (1931), Sampaio (1934), Mendonça (1936), Ayrosa (1937; 1938), Nerva (1940), Elia (1948), Silveira Bueno (1953), Rodrigues (1958-59), Fernandes (1961), Silveira Bueno (1963), Ayrosa (1967), Chaves de Melo (1971), Silveira Bueno (1973), Elia (1979), Gregório (1980), Vázquez Cuesta e Mendes da Luz (1980), Bordoni (1984), Robi (1985), Silva Neto (1986), Sampaio (1987), Elia (1994), da Cunha (1999), Garcia-Modell (2001), Silveira Bueno (2008).
- 5 Na época colonial, o Paraguai fazia parte do vice-reinado do Peru. No espanhol americano, fora do Paraguai, o /k/ se manteve até hoje no norte limitrofe da Argentina, na Bolívia assim como em regiões andinas da Venezuela, do norte do Equador e do Peru.
- 6 O português brasileiro conhece também indigenismos que não remontam ao tupi, como, possivelmente, *mucotá* 'lagoteiro, no literal, formado pelas águas do mar nas grandes marés, e também pelas águas da chuva' – cf. dicionários Aurélio, Houaiss, s.v.). Excetuando conhecidos peregrinismos que, em sua maioria, foram transmitidos pelo espanhol (cf. Aurélio, s.v. *cacique*, 'chefe temporal das tribos indígenas brasileiras'), a origem desses indigenismos não pode frequentemente ser determinada de maneira exata. Também na toponímia surgem, ao lado dos tupinismos, numerosos nomes de outras línguas indígenas brasileiras (*Amapá*, *Xingu* – cf. Caldas Tibiriçá, 1985: 123-152).
- 7 A etimologia t. *yba-kari*, 'fruta recendente', não é convincente, já que pressupõe a desmasalização do t. *kating*, 'que recende', que não se explica (cf. *caitingor* < t. *kating*, 'fedor').
- 8 As vogais finais sonoras -b-, -g do tupinambá empregadas nas formas nominais absolutas em alguns casos se tornaram surdas nas línguas gerais ainda quando se lhes acrescentou o sufixo -a do caso argumentativo. Isso demonstra que o acréscimo se generalizou a partir da forma absoluta quando o sufixo já perdera a sua função sintática de marcar o argumento da oração, em oposição aos complementos circunstanciais.
- 9 No verbo recendente do v.b., descreve-se o processo da fabricação da tapioca, com a documentação de dois outros termos da língua geral que passaram para o português brasileiro: "Farinha d'água s. de mandioca cortada – *Uipulha*: esta se espreme no tepeti (*tupiti* < t. *tipy*-*ty*, 'fundo-líquido', 'líquido do fundo') e passa pela urupema. (*urupema* < t. *urupem-a*, 'penetra de palha [em que se passa a farinha de mandioca]') (cf. v.u.a. 1, 135).
- 10 Como se vê, no Norte, a vogal central baixa /i/, articulatoriamente entre /u/ e /i/, passa tanto a /u/ como a /i/ no português, sem que se possa diagnosticar uma regra.
- 11 No guarani paraguaio, *mokya* significa 'piolho da roupa'.
- 12 Cf. guarani *soká*, 'pau para pisar'; *jo-so*, 'moer, pisar'; guarani do Chaco (chiriguano) *mhaesókha*, 'pilão'; *tupinambá jo-sok*, 'pisar, moer'; *nheengatu soka*, 'pisar'.
- 13 Cf. tupinambá *ai-katuk*, 'eu fui'; guarani e *mbyá ai-katú*, chiriguano e guarany *ai-káti*, *nheengatu katuka*, 'bater, ferir'.
- 14 Por todas estas razões, as obras existentes sobre toponímia brasileira (cf. Caldas Tibiriçá, 1985), mas também sobre etimologia lexical (cf. Cunha, 1999, cuja 1ª edição é de 1978; Silveira Bueno, 2008, 1ª edição de 1982), têm um valor precário. A primeira obra de valor científico é a de Wolff da Silva (1993).
- 15 Compare-se guarani *kambuchi*, 'cântaro', guarani do Chaco (chiriguano) e guarani *kambúchi*.
- 16 É possível que o termo *capira*, que vive no interior, pessoa rústica, tenha a sua origem em t. *ka a i-py-a*, 'mato 3ª pessoa-que é perto de-sufixo de caso', 'que vive perto do mato'.
- BARBOSA, Padre Antônio Lemos (1956). *Curso de tupi antigo. Gramática, exercícios, textos*. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- BARROS, Cândida; LESSA, Antônio Luis (org.) (2006). *Dicionário da língua geral do Brasil que se fala em todas as villas, lugares e aldeas deste vastíssimo Estado*, Cidade do Para (Belém), 1771. MS 81 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Transcrição paleográfica e notas. CD-Rom. 167 págs. Disponível em: <http://www.temple.com.br>. Acesso em 23 jul. 2010.
- BORDONI, Orlando (1984). *A língua tupi na geografia do Brasil*. Campinas.
- BOUDIN, Max H. (1978). *Dicionário de tupi moderno (dialeto tembé-ienêthara do alto do rio Gurupí)*. 2 v. São Paulo: Ceac.
- BUEÑO, Francisco da Silveira (1953). Influências do tupi no português do Brasil. *Jornal de Filologia* 1, 109-120.
- _____ (1963). Les langues indigènes du Brésil et leur influence sur le portugais. *Orbis* 12, 227-240.
- _____ (1973). El sustrato indígena y el superestrato africano en el portugués del Brasil. *Actas de la primera reunión latinoamericana de lingüística y filología (Viña del Mar, Chile, enero de 1964)*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 396-409.
- _____ (2008). *Vocabulário tupi-guarani-português*. 7. ed. São Paulo: Vidalvros.
- CASTRO, José A. (1984). Língua, sociedade e cultura no Brasil. *Miscelânea de estudos literários. Homenagem a Afrânio Coutinho*. Rio de Janeiro: Pallas, 343-366.
- CRUZ, Aline da (2005). *O resgate da língua geral. Modos de representação das unidades linguísticas da língua geral brasileira e do tupi austral na obra de Martius (1974-1868)*. São Paulo: USP, diss. de mestrado.
- CUNHA, Antônio Geraldo da (1999). *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos e Universidade de Brasília.
- DICIONÁRIOS PRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Porto: Porto Editora, 2005. [versão eletrônica]
- DIETRICH, Wolf (1998). *Amerikanische Sprachen und Romanisch*. In: HOLTUS, Günter et al. (org.). *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. vii, 428-499.
- _____ (1999). A importância do tupi na formação do português do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (org.). *Estudos de história da língua portuguesa*. Frankfurt/M.: TFM, 153-172.
- _____ (2004). Mexikanische und brasilianische Toponymie indianischen Ursprungs. In: NOLL, Volker; THELE, Sylvia (org.). *Sprachkontakte in der Romania. Zum 75. Geburtstag von Gustav Ineichen*. Tübingen: Niemeyer, 203-222.
- EDELWEISS, Frederico (1947). *Tupis e guaranis: estudos de etnomímia e linguística*. Salvador: Secretaria de Educação e Saúde.
- _____ (1969). *Estudos tupis e tupi-guaranis: confrontos e revisões*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira.
- ELIA, Silveira (1948). Influências indígenas no português do Brasil. *Boletim de Filologia* 2, Rio de Janeiro, 219-224.
- _____ (1979). *A unidade linguística do Brasil (condicionamentos geoeconômicos)*. Rio de Janeiro: Padrão.
- _____ (1994). Portugiesisch: Brasilianisch. O português do Brasil. In: HOLTUS, Günter et al. (org.). *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. vi, 2, 559-575.
- FERNANDES, Adauto (1961). Influência tupi na formação do idioma português falado no Brasil. *Revista de Portugal. Língua Portuguesa* 26, 50-68.

Bibliografia

- AURÉLIO. ANJOS, Margarida dos; FERREIRA, Marina Baird (org.) (2004). *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Versão 5.11. Regis Ltda.
- AYROSA, Plínio M. da Silva (org.) (1934). *Dicionário português-brasileiro e brasileiro-português*. São Paulo (Revista do Museu Paulista, tomo 18).
- _____ (1937). *Termos tupis no português do Brasil*. São Paulo.
- _____ (1938). Subsídios para o estudo da influência do tupi na fonologia portuguesa. *Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada*. São Paulo, 679-696.
- _____ (1967). *Estudos tupinólogos*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros.

- GARCIA-MEDALL, Joaquin (2001). Notas sobre los tupi-guaranismos del portugués del Brasil. In: CALVO PÉREZ, Julio (org.). *Contacto interlingüístico e intercultural en el mundo hispano. V Jornadas internacionales de lenguas y culturas amerindias. Contacto interlingüístico e intercultural*. Valencia, 8-12 de noviembre de 1999. Valencia: Universitat de València, II, 459-477.
- GREGÓRIO, Irmão José (1980). *Contribuição indígena [sic] ao Brasil. Lendas e tradições – Usos e costumes. Fauna e flora – Língua – Raízes. Toponímia – Vocabulário*. 3 v. Belo Horizonte.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de (1996 [1936]). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HOUAISS, HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello (org.) (2001). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva.
- MENDONÇA, Renato (1936). *O português do Brasil. Origens – Evolução – Tendências*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MELLO, Gladstone Chaves de (1971 [1946]). *A língua do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- MICHAELIS. *DICMAXI Michaelis português. Moderno dicionário da língua portuguesa*. Versão 1.0. DTS Software, 1998.
- MONTEIRO, Clóvis (1926). *A influência do tupi no português*. Rio de Janeiro: Paulo, Pongetti & Cie.
- _____. (1959). *Português da Europa e português da América: aspectos da evolução do nosso idioma*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria M. Pereira (2007). *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- NEIVA, Artur (1940). *Estudos da língua nacional*. São Paulo, Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Nacional.
- NOLL, Volker (2008). *O português brasileiro. Formação e contrastes*. São Paulo: Globo.
- RAIMUNDO, Jacques (1926). *Influência do tupi no português*. Rio de Janeiro.
- _____. (1934). O elemento brasileiro no português. In: *Miscelânea científica literária dedicada ao doutor J. Leite de Vasconcellos*, 1. Coimbra, 491-524.
- ROBL, Afonso (1985). Alguns problemas da influência tupi na fonética e morfologia do português popular no Brasil. *Revista Letras* 34, 155-179.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (1958-59). Contribuição para a etimologia dos brasileirismos. *Revista Portuguesa de Filologia* 9, 1-54.
- _____. (1986). *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- _____. (1995). O nome Curitiba. In: CHMYZ, Igor; WESTPHALEN, Cecília; RODRIGUES, ARYON DALL'IGNA (org.). *Curitiba: origens, fundação, nome*. Curitiba: Boletim Informativo da Casa Romário Martins 21/105, 225-248.
- _____. (1996). As línguas gerais sul-americanas. *Papia* 4, 6-18.
- _____. (1997). Descripción del tupinambá en el período colonial: el arte de José de Anchieta. In: ZIMMERMANN, Klaus (org.). *La descripción de las lenguas amerindias en la época colonial*. Frankfurt: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 371-400.
- RUIZ DE MONTOVA, Padre Antonio, S.J. (1639). *Tesoro de la lengua guaraní*. Madrid: Juan Sanchez.
- SAMPAIO, Teodoro (1931). A língua portuguesa no Brasil. *Revista de Philologia e de Historia* 1, 465-472.
- _____. (1987 [1901]). *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Editora Nacional.
- SILVA, João Domingos Wolff da (1993). *Os topônimos brasileiros oriundos do tupinambá e sua adaptação fonológica ao português*. Brasília: UnB, diss. de mestrado.
- SILVA NETO, Serafim da (1986). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença.
- SOUZA, Ulisete Rodrigues de (2001). A semitropicalização do português em Mato Grosso. *Papia* 11, 51-57.
- TAYLOR, Gerald (1985). Aparentamentos sobre o nheengatu falado no Rio Negro, Brasil. *Amerindia* 10, 5-23.
- TIBIRICA, Luiz Caldas (1985). *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi*. Santos: Traço.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1987 [1901]). *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 3. ed. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar; LUZ, Maria A. Mendes da (1980). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves (1892). *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VLB. *Vocabulário na língua brasileira* [1621]. 2. ed. rev. e confrontada com o ms. fg. 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa, por Carlos Drummond. 2 v. São Paulo: USP, v. A-H, *Boletim* 23, n. 137, 1952, v. J-Z, *Boletim* 26, n. 164, 1953.
- ZAMBONIM, Devino, J. (1993). O português em relação à língua franca nheengatu. In: *xvº Congresso Internacional de Linguística e Philologie Romanes. Université de Zurich (6-11 avril 1992)*. III, 473-482.